

5

A viagem de vinda: deslocamentos dos estudantes de intercâmbio para o Brasil

Este primeiro capítulo de análise trata dos primeiros deslocamentos do processo de intercâmbio, com foco na decisão dos jovens intercambistas de vir para o Brasil, seguido dos preparativos para a viagem, bem como da viagem em si (dos procedimentos de aeroporto, do voo). Trata também da chegada dos intercambistas ao Brasil, da recepção pelas famílias hospedeiras e da chegada nas cidades do interior de Minas Gerais.

A análise é feita, nas seções abaixo, a partir da seleção que faço de segmentos das entrevistas semi-estruturadas feitas com os intercambistas em um processo longitudinal. Início pela entrevista em grupo, feita com Isaac, Pat, Allan e Marie. Após a análise de um segmento da entrevista em grupo, seleciono segmentos das entrevistas individuais.

A entrevista em grupo tem formato interacional mais complexo, já que as tomadas ou as trocas de turnos ocorrem entre vários falantes, que auxiliam na co-construção de narrativas, “accounts” e relatos. A entrevista feita com cada estudante individualmente revela a co-construção de narrativas, “accounts” e relatos entre a entrevistadora e o entrevistado, que surgem não apenas como resposta às perguntas da entrevistadora, mas são usados pelos entrevistados para propor tópicos, explicar, exemplificar.

Através da co-construção, no decorrer das entrevistas, os intercambistas mostram seus posicionamentos em relação aos processos de decisão do intercâmbio. É possível visualizar diferenças na co-construção de narrativas em grupo e nas entrevistas individuais, em relação a como cada intercambista configura e reconfigura suas identidades individuais e de grupo, na ordem discursiva e social.

5.1.

A decisão de vir para o Brasil

Veremos, nos trechos abaixo, como os intercambistas constroem a “decisão” de vir para o Brasil e como, ao narrarem suas escolhas, trazem os estereótipos sobre o Brasil, com deslocamentos socioculturais.

(i) A entrevista com o grupo

A seqüência 1 é parte da entrevista feita com o grupo de intercambistas, no início do período de intercâmbio (anexo 1). Foi feita em língua inglesa, já que era a língua que possibilitava melhor comunicação entre as pessoas do grupo, conforme discutimos na seção 4.4.

Seqüência 1

Entrevista em Grupo, 27 de setembro de 2007

237	Fernanda	and you didn't have problems about the family or you didn't have time to think about it?
238		
239	Marie	eh, i only knew knew my family, only knew that i was going to brazil in the beginning of july.
240		
241	Pat	oh my GOD.
242	Marie	haha. then i had to come up in my application they had to come to brazil, i had to wait for a month before it goes back to belgium and i was going to the embassy to get my visa and in two weeks i was leaving.
243		
244		
245		
246	Allan	for us in the united states, you have to have your stuff in at least (.) three or four months, before. it's not - it's not longer (than that).
247		
248		
249	Pat	i had my application in in december. ()
250	Marie	yeah. in belgium we have to send the application before too () but i was very late (for the first time with)
251		
252	Allan	humhum
253	Marie	and i wanted to go to the united states () volunteer, there was just something wrong so i didn't go for my () and i was very near exams and i had to fill in my application. so: it was very stressful.
254		
255		
256		
257	Fernanda	so it was not your decision to come to brazil?
258	Marie	hum: i decided in two days.
259	Allan	i decided in two days also. i i thought i was going to japan for the longest time [(telefone tocando)] for probably four or five months i thought i was going to japan [(telefone tocando)] () everything like prep for that and then, one week and they said "oh sorry eh: you can't go japan anymore because [(telefone tocando)] they are only taking they only take girls at the scholl there" and i said "but since it's pretty late now you need to decide what country you wanna go to by the end of the weekend" but i didn't have a computer, () couldn't research the country didn't have a phone to call people or anything.
260		
261		
262		
263		
264		
265		
266		
267		
268		
269		
270		[(telefone tocando)]
271	Fernanda	ah. and you two? how did you decide to come to brazil?
272	Pat	hum:
273	Fernanda	or you didn't decide?

274	Pat	i did we had to choose like ten countries and i don't- it was
275		mostly south america. so i just kind of researched all the
276		countries and ()
277	Todos	hahaha
278	Pat	and, so, basically south america anywhere in south
279		america and i said brazil.
280	Isaac	the [(nome da instituição)] decided for me.
281	Fernanda	really?
282	Isaac	yeah.
283	Fernanda	how is it? they they just said "oh, you're going to brazil"
284		(and that) is ok? yeah? did you like the idea? or not?
285	Isaac	no, yes, i like.
286	Todos	hahaha
287	Fernanda	() "no, i don't wanna go to brazil". hehe
288	Pat	what if you didn't wanna come here?
289	Isaac	hum?
290	Pat	could you change it if you didn't want to?
291	Allan	the country? could you change the country if you didn't
292		want brazil?
293	Isaac	no. humhum.
294	Fernanda	so you had to come to brazil.
295	Isaac	yeah.

Este segmento da entrevista em grupo traz como tópico a decisão de vir para o Brasil, por cada um dos intercambistas. Como veremos, nesse momento não há narrativas, mas “accounts”, desenvolvidas pelos participantes como razões, explicações, conforme Baker (2001, p.781). O tópico emerge quando, durante a entrevista, os participantes estão falando sobre os preparativos para a viagem e Marie relata que não teve muito tempo para se preparar já que só soube que viria para o Brasil no início de julho (dois meses antes da viagem). As razões sobre a decisão de vir para o Brasil, cujo tópico é selecionado pela própria Marie, têm início na linha 239, quando ela, em resposta à entrevistadora, indica, na orientação da narrativa sobre seu processo de preparação para o intercâmbio, que vir para o Brasil não foi a escolha dela (L.239-240). Pat faz uma avaliação “oh my GOD.” (L.241) que funciona como incentivo para que Marie mantenha o turno (Sacks, Schegloff & Jefferson, 2003) e dê continuidade à orientação da narrativa. Como nos diz De Fina (2011:85-6), a orientação, em termos de tempo e espaço, nos traz as experiências sobre os contextos sociais, mais do que um pano de fundo para uma dada ação principal. Ela ri, e continua então detalhando o processo “burocrático” necessário para seu intercâmbio. Marie apresenta as questões referentes ao processo burocrático e à rapidez do processo (L.242-245). Suas orações curtas mostram uma grande quantidade de ações realizadas no curto espaço de tempo de dois meses (preencher o formulário, enviar para o Brasil,

esperar um mês para ele voltar para a Bélgica, ir à embaixada pegar o visto, e então viajar). As repetições usadas por Marie – “i had to come”, “they had to come” e “i had to wait”; “i was going” e “i was leaving” – auxiliam na construção do tempo do processo burocrático, trazendo as ações que não dependiam de Marie no passado simples e as ações que dependia dela no passado contínuo (Tannen, 1989).

Allan então se auto-seleciona para explicar os procedimentos do intercâmbio nos Estados Unidos, onde é necessário ter os documentos preenchidos com pelo menos três ou quatro meses de antecedência (L.246-248), em contraposição a Marie. Ao iniciar com a categorização de “us”, ele mostra seu sentimento de pertencimento aos intercambistas americanos do grupo (Cuche, 2002), que é formado por ele e Pat, neste contexto. Pat, logo em seguida, exemplifica o que Allan acaba de dizer e se posiciona como americana, junto a ele. Cabe ressaltar que Pat apenas contextualiza temporalmente os seus procedimentos para o processo de intercâmbio (“i had my application in in december. ()” L.249).

Marie então toma o turno de novo, para explicar como funciona na Bélgica, em resposta ao comentário de Allan (“yeah. in belgium we have to send the application before too () but i was very late (for the first time with)” L.250-251), explicitando pertencimento social ao grupo dos intercambistas belgas (formado por ela e Sophie, que não estava presente no momento da entrevista em grupo) e apresenta o motivo para que tenha sido conforme relatado anteriormente: “ela estava muito atrasada” com sua documentação. Como Allan demonstra compreender e aceitar a fala de Marie com “humhum” (L.252), Marie mantém o piso conversacional e então seleciona contar como acabou vindo para o Brasil, apesar de ter escolhido ir para os Estados Unidos. Neste segmento, ela apresenta os motivos para estar atrasada com o processo burocrático, que é a decisão de ir para os Estados Unidos, somada à necessidade de mudança repentina dos planos e, ainda, o momento específico de sua vida pessoal, de provas na escola e a necessidade de preencher a documentação. Tudo isso leva Marie a ficar atrasada em relação aos procedimentos usuais do programa de intercâmbio (L.253-255). Ela conclui este trecho com uma avaliação (“so: it was very stressful.” L.255-256).

A entrevistadora retoma o piso conversacional (L.257) para confirmar a primeira afirmação de Marie, já que não fica muito claro se Marie pôde ou não

escolher vir para o Brasil. Marie responde que foi ela mesma quem escolheu, mas que teve apenas dois dias para tomar esta decisão (“hum: i decided in two days.” L.258). Para Marie, não parece relevante explicar como se deu a escolha de vir para o Brasil, mas sim o fato de que ela teve apenas dois dias.

Allan se auto-seleciona (Sacks, Schegloff & Jefferson, 2003), em concordância com Marie, para relatar que, assim como Marie, ele também teve que fazer sua escolha em apenas dois dias, devido a mudanças repentinas no planejamento que havia feito. Sua frase introdutória sobre a escolha de vir para o Brasil é, portanto, uma forma de alinhar-se com Marie (“i decided in two days also.” L.259), usando inclusive o recurso da repetição da fala de Marie (Tannen, 1989). Ele então apresenta o Japão como sendo seu país de escolha, somado ao tempo de expectativa, que foi de quatro ou cinco meses (L.259-261). O tempo de expectativa é usado para justificar o fato de que ele já estava preparado para ir para o Japão e, portanto, não precisava mais pensar em outros países (“everything like prep for that” L.262). Porém, o colégio do Japão disponível para o intercâmbio só recebia mulheres. Somado a este fato, está o tempo de apenas um fim de semana dado ao intercambista para selecionar um novo país, o que é construído em forma de discurso direto (Tannen, 1989), atribuído a “eles”, sem referência a pessoas ou entidades específicas (L.262-267). Neste segmento, Allan se coloca como expectador. Quando ele traz um “eu” para a contextualização sobre a decisão da viagem, ainda assim continua não sendo agentivo (Duranti, 2004; L.267-269), já que tem como ponto principal explicar a escolha de um novo país em apenas dois dias. A entrevistadora então passa o turno para um dos outros dois intercambistas presentes, através de uma pergunta, cuja hesitação de Pat representa uma forma de auto-selecionar-se para relatar como escolheu (ou como não escolheu) vir para o Brasil, após os dois turnos de perguntas da entrevistadora (“ah. and you two? how did you decide to come to brazil?” L.271; e “or you didn’t decide?” L.273).

Pat marca sua decisão com agentividade (Duranti, 2004) na escolha de vir para o Brasil (“i did” L.274). Ela relata a possibilidade de escolher entre dez países (quase todos da América do Sul) e sua decisão pela escolha do Brasil (L.274-276 e L.278-279). Contudo, mais abaixo, como veremos nos dados das entrevistas individuais, Pat faz mudanças em relação à escolha do Brasil como país para o intercâmbio.

Já que todos os outros intercambistas já haviam relatado suas “escolhas” de vir para o Brasil, Isaac toma o turno para se construir como não agentivo e não tendo feito a escolha, em oposição ao relato de Pat. Ele atribui a escolha do país à instituição promotora do intercâmbio, que não ofereceu a ele a oportunidade de escolher nenhum outro lugar (“the [(nome da instituição)] decided for me.” L.280). O relato de Isaac é então co-construído, contando com questionamentos e comentários por parte da entrevistadora, de Pat e de Allan, que se tornam agentivos na co-construção da narrativa da escolha do Brasil como destino de Isaac. É importante notar que as diferenças lingüísticas na fala dos participantes fazem com que a pergunta dirigida a Isaac pela entrevistadora (que conduz esta entrevista em língua inglesa), por não ser compreendida por Isaac (que é falante nativo da língua espanhola), seja refeita por Pat e Allan, que demonstram então interesse pelo relato de Isaac. Assim, o comentário da entrevistadora (“() “no, i don’t wanna go to brazil”. hehe” L.287), no intuito de saber o que aconteceria caso ele não quisesse aceitar o destino sugerido pela instituição, é reformulado duas vezes na forma de pergunta por Pat (“what if you didn’t wanna come here?” L.288; “could you change it if you didn’t want to?” L.290) e, como Isaac continua não entendendo a pergunta, Allan toma o turno para refazer a pergunta, usando outras expressões (“the country? could you change the country if you didn’t want brazil?” L.291-292), o que demonstra a colaboração entre os participantes da entrevista. Logo em seguida ao comentário da entrevistadora, Isaac faz uma avaliação, como resposta à pergunta da entrevistadora que questiona se ele gostou da idéia de terem escolhido o Brasil como local de seu intercâmbio. A avaliação de Isaac, ao mostrar certa hesitação na resposta (“no, yes, i like.” L.285), gera o riso de todos os participantes (que se alinham com o comentário de Isaac, como demonstração de identidade coletiva – Snow, 2001).

Assim, na seqüência 1, Marie inicia com a seleção do tópico, mudando o tópico da pergunta da entrevistadora sobre a despedida da família para os preparativos para a viagem. O apoio para que ela mantenha o piso conversacional e então narre este processo é feito por dois outros intercambistas participantes da entrevista (Allan e Pat) que encaixam seus relatos junto à Marie (e co-constroem, portanto, o funcionamento do processo de intercâmbio nos Estados Unidos). A entrevistadora, neste momento, faz apenas uma pergunta para tirar dúvida a respeito de quem decidiu que ela viria para o Brasil, sendo apenas mediadora da

interação. Ela não tem papel ativo nem na decisão do tópico (já que a pergunta inicial refere-se à família, e não à decisão de vir para o Brasil), nem na seleção de turnos (Sacks, Schegloff & Jefferson, 2003). Assim, a decisão é co-construída principalmente por três dos participantes entrevistados – Allan, Marie e Pat –, com mediação da entrevistadora. Para concluir, Isaac afirma que não teve escolha, já que seu destino foi selecionado pela própria instituição promotora do intercâmbio, e co-constrói mediante o preenchimento de lacunas através das perguntas de outros dois intercambistas (Pat e Allan) e da própria entrevistadora.

Ao analisarmos a seqüência acima, vemos que, com exceção de Pat, nenhum outro intercambista constrói sua vinda para o Brasil como uma escolha própria. Marie constrói sua vinda ao Brasil em oposição à sua escolha de ir para os Estados Unidos, como voluntária. Allan opõe Brasil e Japão, indicando que sua “escolha” de vir para o Brasil se deu quase que por “falta de escolha”. Isaac relata que efetivamente não pôde escolher seu país de intercâmbio, tendo o mesmo sido determinado pela instituição promotora do intercâmbio. Mesmo Pat, que afirma ter escolhido vir para o Brasil, teve sua escolha limitada à América do Sul. A questão da escolha do país de intercâmbio, como veremos nas próximas seqüências de análise, terá um importante papel no entre-lugar ocupado pelos intercambistas e nas reconfigurações identitárias e de posicionamento no país, envolvendo novos hábitos, de cidades do interior de Minas Gerais, de forma a se considerarem estabelecidos ou *outsiders* na região interiorana que os recebe.

(ii) As entrevistas individuais

A seqüência 2, abaixo, é parte da primeira entrevista individual com Sophie, intercambista belga (anexo 2), conduzida em inglês, por decisão negociada entre entrevistadora e entrevistada. Apesar de Sophie não ter participado da entrevista em grupo, o tópico sobre a decisão de vir para o Brasil é retomado pela entrevistadora para ouvir de Sophie se ela teve a oportunidade de escolher o país de intercâmbio.

Seqüência 2

Sophie, Entrevista 1, 27 de setembro de 2007

141	Fernanda	and, what about your:, decision to come to brazil? how did
142		it happen? how did you decide to come?
143	Sophie	ah, hum. you know you have to give three countries, (first)
144		you have to give three countries where where you wanna

145		go and then they will look if you can, go to one of the trips.
146		so i put it on japan, new zealand and: australia. and, but
147		they were all taken. i just had to decide from the moment.
148		it was like, “yeah, they are all taken so you have to speak
149		another country very fast. what is going be?” and i was
150		like, “↑i don’t know”. and my father was like, “oh, why don’t
151		brazil?” “ok, brazil”. and then, brazil. hehehehe
152	Fernanda	hehe. and did you like the idea?
153	Sophie	yeah.
154	Fernanda	i mean did you know anything from brazil or did you have
155		any expectation?
156	Sophie	no, i didn’t. i don’t really have expectations i just live the
157		moment just like “↑ok hahaha let’s see what’s- future’ll
158		bring us” haha
159	Fernanda	so your father helped you to choose the country?
160	Sophie	yeah hahaha

Através da pergunta, a entrevistadora retoma o tópico da entrevista de grupo. Sophie inicia seu relato com um resumo de como as escolhas de países geralmente são feitas, explicitando que, em geral, selecionam-se três países, cujas disponibilidades para intercâmbio são analisadas (L.143-145). O relato aqui é explicativo, sobre Sophie ter escolhido três países que não tinham vagas para o intercâmbio, quais sejam, o Japão, a Nova Zelândia e a Austrália (L.146), o que fez com que ela tivesse que decidir por um outro país de repente. A construção do discurso direto feito por alguém que diz que ela precisa decidir outro país (““yeah, they are all taken so you have to speak another country very fast. what is going be?”” L.148-149) e seu próprio discurso construído como discurso direto (““↑i don’t know”” L.150), são recursos que reforçam o ponto de que Sophie tinha que decidir naquele mesmo instante (Tannen, 1989). A resolução se dá na voz do pai, cujo discurso é reconstruído por Sophie na pergunta “oh, why don’t brazil?” (L.150-151), também reportado como discurso direto. Sophie se posiciona como alguém que aceita a indicação do pai e seleciona o Brasil como o país para o intercâmbio, como visto através da repetição da estrutura “and i was like,” (L.149-150) e “and my father was like,” (L.150), que mostra, através da substituição dos sujeitos, consecutivamente, a falta de agentividade de Sophie e a agentividade de seu pai, construídas por Sophie pelo discurso direto (Tannen, 1989; Duranti, 2004).

Como Sophie não faz nenhuma avaliação, a entrevistadora tenta co-construir a avaliação perguntando se Sophie gostou da idéia (L.152) e, como a resposta traz apenas um “yeah.” (L.153), a entrevistadora pergunta sobre as expectativas que Sophie possuía em relação ao Brasil (L.154-155). Porém, Sophie não constrói em seu relato nenhuma expectativa ou motivo especial que a leve a

aceitar a indicação do pai para vir para o Brasil. Sua escolha não parece ser pautada em expectativas de aprendizado lingüístico ou cultural específicos. Assim como Allan e Marie, na entrevista em grupo, Sophie aceita o Brasil em oposição a sua escolha de ir para o Japão, a Nova Zelândia ou a Austrália. Todavia, veremos, em um dos trechos sobre os preparativos para a viagem, que em outras partes da entrevista Sophie apresenta a visão que tinha do Brasil antes do intercâmbio, o que nos permite comparar e contrastar com as informações da narrativa da seqüência 2.

A seqüência 3 é parte da primeira entrevista individual feita com Allan, intercambista norte-americano (anexo 8). A entrevistadora retoma o tópico da entrevista em grupo, para ter a oportunidade de ouvir a recontagem num contexto interacional no qual se encontram apenas a entrevistadora e o entrevistado.

Seqüência 3

Allan, Entrevista 1, 27 de setembro de 2007

5	Fernanda	ok. and how did you decide to come to brazil?
6	Allan	well, eh as i said earlier i was was thinking about japan.
7		hum, eh, so happened that: they were only taking girls in
8		that school eh: there so i had the weekend, the rest of the
9		weekend to decide ahm: which country i would be going
10		to. ahm: so i kind of talked to the other exchange students
11		that i was there with it was just like eh: meeting other
12		exchange students. hum so i talked to the other ones that
13		were there and they said that brazil was one of the one of
14		the best choices with (a bunch of) traveling, and: ahm:
15		and: you know, how do you say? great beaches, great
16		people. so (.). that's why.
17	Fernanda	so. that's why you have decided to come to brazil.
18	Allan	yeah. humhum.

Nesta seqüência, a orientação da narrativa (o tempo e o espaço referem-se ao passado, quando ele ainda estava nos Estados Unidos) é dada na pergunta da entrevistadora. Allan começa com um resumo que, neste caso, é a referência ao que ele disse na entrevista em grupo (“well, eh as i said earlier i was was thinking about japan.” L.6) e reafirma sua intenção inicial de fazer o intercâmbio no Japão e não no Brasil. Após algumas hesitações (“hum, eh,” L.7), Allan apresenta o fato de só aceitarem garotas na escola no Japão e de ter apenas o resto do fim de semana para escolher para qual país ir (“they were only taking girls in that school eh: there” L.7-8; “so i had the weekend, the rest of the weekend to decide ahm: which country i would be going to. ahm:” L.8-10). Ele relata então que fala com os outros

intercambistas que estavam com ele no momento (L.10-12), o que mostra a construção de identidade de grupo de “intercambistas” (Snow, 2001; Rezende, 2009). Através da construção do que foi dito pelos outros intercambistas, usando discurso indireto (L.13-16), Allan reporta que seguiu a indicação deles para decidir vir para o Brasil. Os fatores mencionados por Allan como atrativos para que ele selecionasse o Brasil foram a quantidade de viagens oferecidas no Brasil¹ e ótimas praias e pessoas. A quantidade de viagens é baseada no conhecimento dos outros intercambistas. As ótimas praias e pessoas, como vimos na seção 3.3, fazem parte do imaginário estereotipado do Brasil (Rezende, 2009) e, aqui, Allan reconstrói os mesmos na voz de outros jovens que já foram intercambistas.

Um comentário da entrevistadora é feito (“so. that’s why you have decided to come to brazil.” L.17) e é confirmado por Allan (“yeah. humhum.” L.18).

A seqüência 4 é parte da segunda entrevista individual feita com Pat (anexo 11), intercambista norte-americana, com retomada sobre a escolha de vir para o Brasil.

Seqüência 4

Pat, Entrevista 2, 20 de março de 2008

241	Fernanda	>quando você veio vo- você não tinha escolhido o brasil
242		tinha?<
243	Pat	anh?
244	Fernanda	você também não tinha escolhido vir para o brasil, tinha?
245	Pat	não. era o número dois.
246	Fernanda	era o número dois
247	Pat	é.
248	Fernanda	o primeiro era?
249	Pat	venezuela.
250	Fernanda	venezuela.
251	Pat	mas também eu não sabia pra onde eu queria ir. eu
252		queria fazer intercâmbio e queria aprender outras
253		línguas, aí eu já sabia espanhol, mais ou menos, aí eu ah
254		eu queria ir pra um país que fala espanhol, só que (>todo
255		mundo<) falava “nossa o brasil é muito bom, cê vai amar”,
256		aí eu “ah vou colocar número dois então” hehehe

A entrevistadora volta à questão da escolha do país confirmando se Pat não tinha escolhido vir para o Brasil (L.241-242). Mediante a pergunta da entrevistadora, Pat relata que sua primeira escolha foi a Venezuela. Após a

¹ Uma das regras dos programas de intercâmbio oferecidos por esta instituição é que os intercambistas só têm permissão para viajar com a família que os recebe ou com uma agência de turismo que atende a esta instituição promotora do intercâmbio. No Brasil, a agência autorizada oferece de quatro a cinco roteiros de viagens pelo país, dependendo da época do ano.

repetição da pergunta pela entrevistadora, Pat explicita os motivos que a levaram a escolher a Venezuela em primeiro lugar e o Brasil em segundo. Ela procura atenuar as razões da escolha (“mas também eu não sabia pra onde eu queria ir.” L.251) e usa estrutura de repetição – “eu queria” (Tannen, 1989): queria fazer intercâmbio; queria aprender outras línguas; queria ir para um país que fala espanhol (já que sabia espanhol mais ou menos). Porém, em contraposição a sua não escolha imediata, ela constrói o discurso direto (Tannen, 1989) a respeito do que as pessoas falavam do Brasil (““nossa o brasil é muito bom, cê vai amar”” L.255). É partir da voz do “outro” que Pat seleciona o Brasil como segunda opção (L.256). O fato de a Venezuela preencher todos os requisitos explicitados justifica a escolha da Venezuela em primeiro lugar.

Comparando a seqüência 1 da entrevista em grupo com este segmento da segunda entrevista individual, o que se ressalta é a diferença que o momento da contextualização da narrativa de intercâmbio faz para quem relata e para quem ouve. Em um primeiro momento em que todos os intercambistas relatam não terem escolhido o Brasil como país de destino, ou o terem escolhido apenas de última hora, Pat precisava então justificar como veio para o Brasil. Tendo sido o Brasil o segundo país de sua preferência, em relação aos relatos de outros intercambistas, para Pat, naquele momento vir para o Brasil havia sido pelo menos uma de suas escolhas. Neste segundo momento, todavia, a razão da escolha aparece, mas ainda de forma modalizada e a partir da fala do ‘outro’, relatada em discurso direto.

Na seqüência 5, parte da segunda entrevista com Dave (anexo 13), a entrevistadora retoma o tópico da escolha do país, indagando sobre as razões de Dave.

Seqüência 5

Dave, Entrevista 2, 17 de março de 2008

422	Fernanda	yeah. and: when you came to brazil- i don't remember
423		>talking to you about that< you chose coming to brazil? or
424		no, you chose another country?
425	Dave	i chose three country, and i: i was >how do i say?< doesn't
426		matter where i went.
427	Fernanda	ok.
428	Dave	but: i think i prefer the english speaking country because,
429		for me to learn a new language is very difficult, like you
430		see, i'm i'm not good now to speak portuguese and
431		english is not that good.
432	Fernanda	i can't see. you didn't speak [portuguese to me hehe.

433	Dave	[yes hehe, because- yes. and:
434		but, if brazilians spoke the english i'd prefer brazil because
435		the people here i think more happy and what we hear in
436		denmark about brazilians is happy and good things.
437	Fernanda	ok.
438	Dave	so i'd choose brazil if you spoke english.
439	Fernanda	so brazil <u>was</u> in your list?
440	Dave	yes. they were they were my my >how do you say< my
441		chosen.
442	Fernanda	ok. your (first) choice?
443	Dave	ye. it was my third, but () spoke in english so i would say
444		number [one.

Nesta segunda entrevista, a entrevistadora pergunta se Dave de fato escolheu vir para o Brasil. Dave traz então a sua argumentação, a partir da escolha de três países (L.425-426). A entrevistadora sinaliza que ele pode continuar com o turno (“ok.” L.427) e Dave argumenta, com as razões pelas quais o Brasil não foi o país selecionado como primeira opção, já que ele preferia ter ido para um país de língua inglesa (L.428) e justifica sua escolha com base na sua dificuldade de aprender novas línguas (L.428-431).

A entrevistadora então faz um comentário em tom de brincadeira a respeito de não poder avaliar o desempenho de Dave na língua portuguesa. Dave concorda com o comentário da entrevistadora e ri (“yes hehe,” L.433) e então usa uma hesitação (“because- yes. and:” L.433) como marca de mudança de tópico, retomando o tópico anterior, que se referia à escolha do país de intercâmbio.

Dave inicia um comentário com uma situação hipotética, com a possibilidade de escolha caso o Brasil fosse um país falante da língua inglesa (“but, if brazilians spoke the english i'd prefer brazil.” L.434) e traz estereótipo positivo sobre o país, a respeito da alegria e das coisas boas que ele escuta falar a respeito do Brasil na Dinamarca (L.434-436). E conclui (“so i'd choose brazil if you spoke english.” L.438).

Nesta seqüência, a situação hipotética se mistura ao momento presente da narrativa, que se refere ao fato de ele ter colocado o Brasil em terceiro lugar na lista de países selecionados, com base nos comentários que ouvia na Dinamarca a respeito do Brasil e dos brasileiros.

Apesar de ser a segunda entrevista e de Dave já estar no Brasil há pelo menos seis meses, vemos que Dave tende a repetir e manter os estereótipos que trouxe da Dinamarca. Ele repete estereótipos sobre a nação brasileira no decorrer da primeira e da segunda entrevistas, contribuindo para a manutenção dos

mesmos. A manutenção dos estereótipos e a recusa em usar a língua portuguesa iniciam um caminho para a percepção de Dave como um *outsider*.

Como demonstramos na análise das seqüências acima, nenhum dos intercambistas relata ter selecionado o Brasil como primeira opção de país para a realização do intercâmbio. Na maioria dos casos, a impossibilidade de ir para os países selecionados faz com que o Brasil se apresente mais como “uma falta de escolha”. A decisão final de vir para o Brasil é, no entanto, tomada com base na reprodução de estereótipos nacionais brasileiros construídos na voz do “outro” (para alguns na voz de outros intercambistas, para outros na voz de sua nação). A falta de agentividade na escolha do país é refletida nos relatos e comentários analisados acima.

5.2.

Os preparativos para a viagem

Ainda com foco na contextualização da narrativa de deslocamento de intercâmbio, um tópico selecionado pela entrevistadora, nas entrevistas, foi a preparação para a viagem. Essa contextualização é importante, pois representa os primeiros deslocamentos (principalmente emocionais) dos intercambistas. Apesar de cada intercambista selecionar tópicos mais específicos, alguns são recorrentes, como o caso das despedidas dos familiares e amigos.

(i) A entrevista com o grupo

A seqüência 6 é parte da entrevista em grupo (anexo 1) e é iniciada pela pergunta da entrevistadora.

Seqüência 6a

Entrevista em Grupo, 27 de setembro de 2007

186	Fernanda	how things are going here in brazil and what can you tell
187		me about the exchange program? ahm before coming to
188		brazil (how was it?)
189	Marie	i can't talk about that because i was very very late with my
190		application.
191	Fernanda	anyway didn't you have any kind of preparation?
192	Marie	ahm, yeah but not with this organization. i just just had to
193		go to the last meeting and the last information, i think they
194		are more prepared from [(nome da instituição)] than i.
195	Allan	yeah. in the last last month in the united states was, kind of
196		<u>bad</u> because, you know what- you know what's coming up
197		you know you're never gonna see, not never but you're not

198 199		gonna see your family and your friends and everything for a whole year
200	Pat	(it's frustrating)
201 202 203 204 205 206 207	Allan	so, so that last month you're, you're, you know, you got that thought in your mind and you you're trying to get everything ready you're trying to start learning portuguese but at the same time you just like you just want to be with your family and friends and just relax and have a good time. you know, you can't. obviously this takes tons of preparation and
208	Fernanda	humhum
209 210 211 212	Pat	kind of it. hehe. (exactly that). it's frustrating before you leave, cause you wanna be with everybody but you (.) have to get ready (it's hard) and for me it was the long wait. hehehe.
213	Allan	yeah

Esta seqüência tem início com duas perguntas que trazem diferentes orientações para os participantes (De Fina, 2010). A primeira pergunta volta-se para como está sendo o período de intercâmbio no Brasil, com orientação espacial explicitada pela entrevistadora como sendo o Brasil e orientação temporal dada pelo tempo contínuo empregado pela mesma (“how things are going here in brazil” L.186). A segunda pergunta, no entanto, muda a orientação para um passado próximo, e leva-os de volta aos seus países, já que se refere ao momento anterior à vinda para o Brasil (“ahm before coming to brazil (how was it?)” L.187-188).

Marie se auto seleciona e se nega a responder à pergunta colocada pela entrevistadora, apresentando como razão principal o fato de estar atrasada para o programa de intercâmbio (“i can't talk about that because i was very very late with my application.” L.189-190). Ela expande sua justificativa em resposta à pergunta da entrevistadora (“anyway didn't you have any kind of preparation?” L.191). Marie relata a preparação feita pela instituição promotora do intercâmbio e sua participação restrita a esta preparação, já que só compareceu à última reunião, para as últimas informações (L.192-193). Ela passa o turno para qualquer um dos outros intercambistas que, segundo ela, estão mais aptos a responder à pergunta feita (“i think they are more prepared from [(nome da instituição)] than i.” L.193-194).

Allan se auto seleciona e, ao assumir o turno, faz uma avaliação (Thompson & Hunston, 2003) sobre seu último mês nos Estados Unidos, antes da viagem (“was, kind of bad” L.195-196). Allan começa a explicar (Linde, 1993) como se sentiu no último mês, trazendo as razões, com uma conjunção explicativa (“because” L.196). O advérbio de negação “nunca” usado por Allan dá uma proporção muito grande ao fato de não ver mais as pessoas (“you know you're **never**

gonna see” L.197), mas logo em seguida é amenizado pela reconstrução da frase (“not never but you’re not gonna see your family and your friends and everything for a whole year” L.197-199).

Pat concorda com Allan (“it’s frustrating” L.200) que mantém o turno (Sacks, Schegloff & Jefferson, 2003) e continua, agora com expressões emocionais, com contradições que envolvem os sentimentos durante o mês anterior à viagem de intercâmbio. A conclusão de sua argumentação, de ordem emocional, está justamente na impossibilidade de se fazer o que se deseja (ficar com os amigos e a família) e na obrigação de preparar-se para a viagem (“you know, you can’t. obviously this takes tons of preparation and” L.206-207).

A entrevistadora sinaliza atenção (“humhum” L.208), mas Pat toma o turno para manifestar novamente concordância com Allan (“kind of it. hehe. (exactly that).” L.209), como já havia feito (L.200), com a ambigüidade entre preparar-se para a viagem e a vontade de estar junto das pessoas próximas (“cause you wanna be with everybody but you (.) have to get ready” L.210-211). E então faz uma segunda avaliação (“it’s hard” L.211), seguida do resumo de uma narrativa encaixada (“and for me it was the long wait. hehehe.” L.211-212) que será contada logo em seguida. A narrativa traz semelhanças com a estrutura da narrativa laboviana, mas se volta para a experiência pessoal da estudante, em relação às dificuldades de obtenção do visto.

Seqüência 6b

214	Pat	because my visa didn’t come. so that was very frustrating
215		cause they would say “oh you are leaving in a week or
216		two” and then my visa never came and then they say, “oh
217		it’s coming next week” and then wouldn’t come. so, i was
218		very frustrated. so i packed all up and then, my visa never
219		came. so i unpacked everything because i’ve been waiting
220		for so long. so i think i’ve packed like three (months).

Pat dá continuidade ao resumo da narrativa, apontando para o evento principal, qual seja, o fato de seu visto demorar a chegar (L.214). Ela avalia novamente (“so that was very frustrating” L.214) e traz uma explicação (“cause” L.215), com uso do discurso direto (Tannen, 1989) com foco nas pessoas responsáveis pela aprovação do visto (“they would say...” L.215-217). Apesar das promessas, seu visto não chegava. A avaliação aparece pela quarta vez, mas, em vez de avaliar a situação, ela avalia a forma como se sentiu, utilizando a mesma

palavra das avaliações anteriores (“so, i was very frustrated.” L.217-218). Pat continua sua narrativa, e traz o ponto – ela passou aproximadamente três meses fazendo e desfazendo as malas, até que o visto chegasse (L.218-220). Após a narrativa de Pat, todos riem. Ela retoma o turno, através de uma hesitação (“but, yeah” L.222) e Isaac toma o turno.

Seqüência 6c

223	Isaac	hum my case is- were very fast because the [(nome da
224		instituição)] send me my papers of the city and three
225		weeks ahm the next three weeks i (stay in brazil).

Isaac introduz uma narrativa como forma de corroborar com a narrativa de Pat (“hum my case is- were very fast” L.223) e emprega uma conjunção explicativa (“because the [(nome da instituição)] send me my papers of the city and three weeks ahm the next three weeks i (stay in brazil).” L.223-225).

A entrevistadora tenta dar continuidade à narrativa de Isaac de forma co-construída, mas Isaac responde às perguntas feitas apenas com respostas curtas (“only” L.227; “no, it was very fast.” L.229; “no.” L.231; “no. hehehe.” L.233). Allan toma o turno e faz uma avaliação a respeito da narrativa de Isaac (“i probably preferred it that way too. just [(bate palma)] go.” L.234). Para Allan, as formas como a escolha e os preparativos de Isaac foram feitos parecem ser a forma mais prática, já que assim ele não precisaria se preocupar com os preparativos para a viagem (“yeah like that, i wouldn't worry about it.” L.236). A entrevistadora toma o turno, mudando o tópico conversacional cujo foco eram os preparativos para a viagem para o foco nas famílias dos intercambistas.

Nesta seqüência, destacam-se os relatos, “accounts” e narrativas dos deslocamentos emocionais dos intercambistas, relacionados às expectativas e dificuldades nos preparativos da viagem, que envolveram as sensações de “perda” de contato com familiares e amigos por um ano, e a demora na obtenção do visto. As atividades interacionais são partilhadas pelo grupo.

(ii) As entrevistas individuais

Nas entrevistas individuais, a serem analisadas a seguir, a entrevistadora retoma os preparativos para a viagem.

A seqüência 7 é parte da segunda entrevista feita com Sophie (anexo 3). Na entrevista, realizada em português, o tema dos preparativos para a viagem é retomado, selecionado por Sophie, em negociação com a entrevistadora.

Seqüência 7

Sophie, Entrevista 2, 14 de março de 2008

314	Fernanda	e em relação ao que você esperava do brasil no início?
315	Sophie	o quê?
316	Fernanda	em relação ao que você esperava do brasil [()?
317	Sophie	[() da minha
318		família?
319	Fernanda	é. de [tudo.
320	Sophie	[tudo
321	Fernanda	o que que cê tá achando?
322	Sophie	não sei. eu não achava muita coisas do brasil não.
323		quando eu fui pra aqui, eu acho, eu não teve muito
324		tempo pra pensar. porque as últimas meses foi muito
325		complicado. correndo, fui. primeiro fui as provas grandes.
326		depois eu trabalhei um mês, depois eu sempre saiu com
327		minhas amigas, né? quase não dormi no casa. () no
328		brasil, mas eu acho mais, mais sol, porque juiz de fora tá
329		chovendo muito, mais sol, e mais, mais animais, sabe.
330		mais, tigres () pretos né? eu achava e macacos
331		também, que tava assim assim andando na rua.
332	Fernanda	aonde? aonde?
333	Sophie	aqui.
334	Fernanda	ah. que você achava?
335	Sophie	é.
336	Fernanda	ah.
337	Sophie	então. essa fui diferente pra mim. eu achava também
338		que tava muito mais cheio de:: favela e muito mais:
339		pobre também. mas eu acho; que tá ótimo aqui.

A entrevistadora faz uma pergunta abrangente sobre o que Sophie esperava do Brasil no início do intercâmbio (L.314). Sophie confirma se o tópico é família (L.317-318) e a entrevistadora reformula, abrindo para tópicos mais abrangentes (“é. de [tudo.” L.319; “o que que cê tá achando?” L.321). Sophie se revela evasiva: “não sei. eu não achava muita coisas do brasil não. quando eu fui pra aqui, eu acho, eu não teve muito tempo pra pensar.” (L.322-324) e traz fatos genéricos, sempre iniciados por “quando”, com uma recontagem de como foram os últimos meses antes da viagem (L.323-327). Ela avalia (“porque as últimas meses foi muito complicado.” L.324-325).

Sophie, ainda na seqüência dos fatos genéricos, muda o tópico e passa a relatar o que ela de fato vive no Brasil. Ela usa sempre “mais”, para indicar a quebra de expectativas: “no brasil, mas eu acho mais, mais sol, porque juiz de fora tá chovendo muito, mais sol, e mais, mais animais, sabe. mais, tigres” (L. 327-330). A

visão que Sophie trazia consigo era de um país pouco ou nada desenvolvido, ainda parecido com uma selva, onde animais transitam livremente. Assim, se posiciona como *outsider* em relação ao Brasil (Elias & Scotson, 2000), ao contrapor os estereótipos com o que encontra. Assim, ela demonstra seu entre-lugar, entre o que esperava e o que vive, ocupando um espaço intermediário de aceitação e rejeição dos estereótipos.

Na continuidade da interação, a entrevistadora busca confirmações (L.332-334), e Sophie confirma que houve mudança em suas expectativas (“então, essa foi diferente pra mim.” L.337), pois achava que “tava muito mais cheio de: favela” (L.338). Como ela mesma diz, ela achava que o Brasil fosse “muito mais: pobre também.” (L.339). E finaliza seu relato com uma avaliação positiva – “mas eu acho; que tá ótimo aqui.” (L.339).

Os estereótipos relatados por Sophie nada mais são do que aqueles retratados pela mídia e reforçados pelos panfletos turísticos, como estudado por Freitas (2006). De forma específica, posso utilizar aqui, como exemplo, o episódio dos Simpsons, intitulado “O Feitiço de Lisa”.

As visões de Sophie parecem estar de acordo com o que é apresentado nesse episódio (que traz os estereótipos mais ressaltados pela mídia em geral). Em “O Feitiço de Lisa”, o Brasil é retratado como um país pobre, cheio de favelas e orfanatos. Apenas como exemplo, cito que o orfanato desse episódio se chama “Orfanato dos Anjos Imundos”.

Além disso, no episódio dos Simpsons, as pessoas no Brasil andam pelas ruas em longas filas, dançando cha-cha-chá (aqui, vemos a semelhança no pensamento de Sophie, que aprendeu salsa, um ritmo de origem cubana, como o cha-cha-chá, que será retratado mais adiante, em outro trecho da entrevista). Nesse mesmo episódio, animais circulam livremente pelas ruas e, no final, Bart Simpson acaba engolido por uma cobra.

Os estereótipos mencionados por Sophie, como vemos, são pautados nas reproduções que a mídia (tanto nacional quanto estrangeira) faz do Brasil. E, embora ela relate esses estereótipos, sua visão muda um pouco, e ela tenta se projetar como alguém mais familiarizado com o cotidiano das cidades brasileiras, ao afirmar “mas eu acho; que tá ótimo aqui.” (L.339), colocando-se, portanto, num entre-lugar cultural.

A seqüência a seguir está inserida na primeira entrevista individual com Isaac (anexo 5).

Seqüência 8

Isaac, Entrevista 1, 27 de setembro de 2007

17	Fernanda	hehe. (.) eh:, como é que foi sua, os preparativos para vir pro brasil, como foi a decisão?
18		
19	Isaac	foi muito rápido, porque no tenia, sabia que venia al brasil dos meses antes de venir, pero no no sabia la ciudad, é:: ni: la casa, no sabia nada. cuando [(nome da instituição)] me dio mis papeles, é: fue muito rápido. fui a la embajada brasileira en mexico, saque mi visa y compre mi: mi ticket de avión. eso fue todo. en dos semanas, três semanas é: viaje para acá.
20		
21		
22		
23		
24		
25		

Nesta seqüência, a entrevistadora define a orientação da narrativa em um passado anterior à vinda de Isaac para o Brasil e propõe dois tópicos para Isaac: os preparativos para a viagem ou a decisão de vir para o Brasil. Isaac seleciona falar sobre os preparativos para a viagem e inicia com um resumo avaliativo (“foi muito rápido,” L.19). Ele traz a seqüência em forma de explicação (“porque” L.19). Suas explicações para a falta de preparação para a viagem indicam, além da rapidez, também a vagueza das escolhas – “pero no no sabia la ciudad, é:: ni: la casa, no sabia nada. cuando [(nome da instituição)] me dio mis papeles” (L.20-21). O prazo entre a entrega de seus documentos pela instituição promotora do intercâmbio até sua vinda para o Brasil foi de apenas duas ou três semanas e, como ele mesmo afirma, foi muito rápido (L.22). Para demonstrar a rapidez das ações somada ao pouco tempo para resolver tudo, Isaac relata uma seqüência de eventos encadeados (“fui a la embajada brasileira en mexico, saque mi visa y compre mi: mi ticket de avión.” L.22-24). Ele finaliza (“eso fue todo.” L.24), o que mostra que o que foi narrado foi o que deu tempo de fazer e então refaz a orientação mostrando o tempo que teve para sua preparação até sua vinda ao Brasil (L.24-25). Novamente, a escolha pelo Brasil não é planejada.

Na seqüência 9 (anexo 8), a entrevistadora retoma o tópico sobre os preparativos para a viagem.

Seqüência 9

Allan, Entrevista 1, 27 de setembro de 2007

107	Fernanda	ok. and what about ahm: your preparation for the travel?
108		how was it?
109	Allan	well, eh:: as i said earlier, i thought for the longest time i

110		was going to japan. hum: so, i was preparing for that. and
111		then, it was, i don't know, maybe (.) a month or two before
112		i came, i found out that i was: coming to brazil, so the
113		preparation kind of changed and i had and i had to be kind
114		of rush to: gather something together, to look at
115		portuguese, and look at the cities i was coming to and the
116		traveling options and things like that. and hum it was
117		difficult because as i said in the group there it was mixed
118		with the feeling of, you know, "hey i'm gonna be away for
119		a year so i wanna spend the time with my friends and they
120		are all bugging me about", you know, "you know you're not
121		gonna be here next year, the first senior year. so we
122		gonna hang out a lot". so it was, it was difficult to try and
123		out everything.

Allan toma o turno e inicia com “well”, um prefácio que indica que não dará uma resposta direta e retoma sua fala anterior – “as i said earlier,” (L.109). Essa referência remete à entrevista em grupo, feita antes da entrevista individual (seqüência 3), quando Allan relatou que o primeiro país que escolheu para fazer o intercâmbio foi o Japão. Essa narrativa iniciada na entrevista em grupo é continuada aqui na entrevista individual, agora explicitando outros detalhes concernentes à viagem.

Ele então reconta (Norrick, 1998), partindo do fato de ele ter pensado que iria para o Japão (L.109-110). Ele continua de forma evasiva, com dúvidas em relação ao período exato (“and then, it was, i don't know, maybe (.) a month or two before i came” L.110-112), para então relatar sua vinda para o Brasil (“i found out that i was: coming to brazil, so the preparation kind of changed” L.112-113). Enquanto na entrevista em grupo Allan mostra sua agentividade (Duranti, 2004) na escolha do segundo país (“i **decided** in two days also.” L.259, entrevista em grupo), na entrevista individual ele nega sua agentividade (“i **found out** that i was: coming to brazil,” L.112). Só então ele cita os preparativos: juntar o que era necessário, ver o português, as cidades para onde iria e as opções de viagem.

Allan introduz uma avaliação (“and i had and i had to be kind of rush to:” L.113-114), seguida de uma série de atividades que ele teve que realizar como forma de se preparar para a viagem de intercâmbio (L.114-116). Uma nova avaliação é feita (“and hum it was difficult” L.116-117) seguida de uma referência encaixada (“because as i said in the group there” L.117), também contada na entrevista em grupo relacionada ao seu deslocamento emocional devido ao deslocamento espacial (“it was mixed with the feeling of” L.117-118). Esse tópico não é selecionado aleatoriamente. Ele é apenas uma retomada de um dos tópicos

já debatidos na entrevista em grupo. Esse relato é feito através da reconstrução do discurso direto interno do próprio narrador (Tannen, 1989), que relata seus sentimentos no presente (““hey i’m gonna be away for a year so i wanna spend the time with my friends and they are all bugging me about”” L.118-120) somado ao discurso direto que ele atribui a seus amigos (““you know you’re not gonna be here next year, the first senior year. so we gonna hang out a lot”” L.120-122). Sua próxima fala traz a conclusão, somada à reafirmação da avaliação feita nas linhas 116 e 117 (“so it was, it was difficult to try and out everything.” L.122-123).

A seqüência 10 é parte da segunda entrevista individual com Allan (anexo 9) e tem como tópico suas expectativas em relação ao Brasil, antes da viagem.

Seqüência 10

Allan, Entrevista 2, 14 de março de 2008

184	Fernanda	e: em relação à expectativa que você tinha quando você veio ao brasil?
185		
186	Allan	a:: sabe, eu eu gosto de de ficar com: com a cabeça aberta, sabe. não, não gosto de de ouvir coisas sobre gente, sobre a cultura, sobre as coisas e escutar, sabe?
187		
188		
189		porque: eu sabia que que ninguém, se a pessoas que eu tava falando com lá lá em nos estados unidos não foi para para o brasil, se ela não conhece o brasil, eu sei que as coisas não não (tão certas), mas, não sei: normalmente porque os homens são são mais (.), não sei a palavra em português, hardy, hardy em inglês, hardy, like dirty man, you know, real:
190		
191		
192		
193		
194		
195		
196	Fernanda	machão?
197	Allan	eh: provavelmente machão. é: e então eu, eu acho que:, não sei se eu posso falar isso, mas tem um monte de gente lá que acha as mulheres aqui são são, não vagabundas não, mas, sabe, elas veste menos rou:pa porque é muito quente aqui, beija muita muito homem, mas é cultura, sabe. eu acho é isso.
198		
199		
200		
201		
202		
203	Fernanda	você acha que é assim ou [()
204	Allan	[não, não, não. não, não, não. eu não. (.) heh é são são culturas sabe. cultura tem muito coisas para ver. você não pode falar uma cultura é errada, não pode falar que uma cultura é certa, depende (). então eu não gosto de falar se eu acho certo ou errado não. só: eu acho que é sim: as mulheres beijam muito homem, mas não é errado, não é certo. sabe, os os homens são são um pouco mais ma::[chão
205		
206		
207		
208		
209		
210		
211		
212	Fernanda	[machão
213	Allan	eu acho, mas não é não é errado, não é certo, sabe?

Allan é vago em sua resposta (“a: sabe, eu eu gosto de de ficar com: com a cabeça aberta, sabe.” L.186-187) e expande sua posição mediante contraposição entre o que as pessoas dizem e a possibilidade de se vivenciar as experiências sem

se ater aos estereótipos, que podem não ser compatíveis com a realidade (L.189-192). Ele seleciona uma forma de exemplificar sua posição relatando como são os homens no Brasil (“não sei a palavra em português, hardy, hardy em inglês, hardy, like dirty man, you know, real:” L.193-195). Ao fazer a categorização (Day, 1998) dos homens brasileiros em inglês, Allan volta-se não só à sua língua materna, mas também ao estereótipo em seu país para os mesmos, alinhando-se com “os americanos”. A entrevistadora então sugere uma tradução (“machão?” L.196) que é rapidamente aceita por Allan, de forma modalizada (“provavelmente” L.197), como possibilidade de a tradução não corresponder exatamente ao que ele quer dizer, embora ele também não questione o significado da palavra sugerida pela entrevistadora. Ao fazer a mudança para sua língua, Allan alinha-se ao estereótipo reproduzido em seu país de origem, isentando-se de atribuir um vocabulário em língua portuguesa que possa soar ofensivo ou indelicado. Assim, acaba por retratar-se como *outsider* em relação aos brasileiros; mesmo tentando se posicionar num entre-lugar, Allan não consegue desvencilhar-se dos estereótipos, e acaba por reproduzi-los.

Ele hesita (“e então eu, eu acho que:, não sei se eu posso falar isso,” L.197-198) e expõe o que muitos americanos pensam sobre as mulheres brasileiras (“mas tem um monte de gente lá que acha as mulheres aqui são são, não vagabundas não,” L.198-200). Allan, através da sua tentativa de amenizar a palavra “vagabundas”, parafrasea a palavra com “elas veste menos rou:pa” (L.200) e então traz as altas temperaturas no Brasil como justificativa (L.201) porém, acrescentando “beija muita muito homem” (L.201), argumento que não tem relação com a justificativa apresentada. Só então ele apresenta sua opinião, isentando-se de afirmar se concorda com os pensamentos dos americanos, em geral, e trazendo um fechamento para sua argumentação (“mas é cultura, sabe. eu acho é isso.” L.202).

Como entrevistadora, questiono se ele concorda (L.203). E ele, com sobreposição de falas, nega inúmeras vezes (L.204-205). Allan explica seu conceito de “culturas”, somado à idéia de que as culturas não devem ser avaliadas como certas ou erradas (L.205-209), para então se realinhar aos americanos (“só: eu acho que é sim:” L.209) e reafirmar os estereótipos dos brasileiros, trazendo outra opinião (“as mulheres beijam muito homem, mas não é errado, não é certo. sabe, os os homens são são um pouco mais ma::[chão” L.209-211). Ele retoma seu ponto de vista, somado à avaliação (“eu acho, mas não é não é errado, não é certo, sabe?”

L.213), que busca isentar-se de julgar as atitudes que ele classifica como o estereótipo dos brasileiros, mais uma vez posicionando-se como *outsider* em relação à cultura brasileira e reafirmando seu pertencimento à cultura americana.

Na seqüência 11 (anexo 12), Dave e a entrevistadora co-constroem os preparativos para a viagem.

Seqüência 11

Dave, Entrevista 1, 27 de setembro de 2007

121	Fernanda	and what about your preparation for coming to brazil?
122	Dave	what's that? preparation?
123	Fernanda	packing? [hum
124	Dave	[hum, it was difficult=
125	Fernanda	=organizing yourself?
126	Dave	it was difficult to make the pack. to what you have to put in
127		it because the weather and what you gonna need. and if
128		you buy the stuff (). it was difficult but the my my
129		preparing for leaving i hold a party from my family and
130		friends to say goodbye and it was, it was good to do it that
131		way, i think. so everybody knows where you are going and
132		they could see you the last time before you go. and: yeah.
133	Fernanda	how did you feel about it?
134	Dave	hum, i, i. i, hum. because i know that i will see them again,
135		so it was not so hard. but my grandparents, it was hard.
136		because maybe they aren't there when i come back. so
137		that was hard. the others was not so hard.
138	Fernanda	[ok
139	Dave	[and my parents of course it was hard.
140	Fernanda	he. it was hard?
141	Dave	yeah. i think. but now i don't. it is not, it is not, i don't, eh:
142		suffer about it, suffer. sometimes you just think about them
143		but you don't, get homesick. i don't get homesick.

A entrevistadora seleciona como tópico os preparativos para viagem, mas Dave demonstra dúvida em relação ao tópico (nem Dave nem a entrevistadora estão usando suas línguas nativas, já que Dave é dinamarquês). Assim, ele solicita explicação para “preparation” e a entrevistadora utiliza um termo (“packing? [hum” L.123). Mesmo tendo Dave feito uma avaliação (“[hum, it was difficult=” L.124) em resposta à pergunta feita, a entrevistadora refaz a explicação, colocando como tópico a organização para a viagem (“=organizing yourself?” L.125). Dave repete a mesma avaliação (“it was difficult” L.126) e acrescenta o que ele define para a resposta (“to make the pack.” L.126), que corresponde a explicações sobre o tópico “preparation”. Ele relata as dificuldades relacionadas ao que colocar na mala, por causa das diferenças climáticas e por não saber exatamente do que precisaria durante o período de intercâmbio (L.126-128) e reafirma a avaliação (“it was

difficult” L.128). Ele muda o tópico da organização da mala para a festa de despedida (“but the my my preparing for leaving i hold a party from my family and friends to say goodbye” L.128-130). Faz uma avaliação (“and it was, it was good to do it that way, i think.” L.130-131) e explica o motivo de sua avaliação positiva como forma de concluir a narrativa (“so everybody knows where you are going and they could see you the last time before you go. and: yeah.” L.131-132). A festa de despedida aqui marca o início do deslocamento, pois é durante a festa que Dave esclarece para amigos e familiares para onde ele está indo e é quando os encontra pela última vez antes do deslocamento físico de fato ocorrer.

A entrevistadora dá continuidade ao tópico sobre a questão emocional (“how did you feel about it?” L.133). Dave hesita (“hum, i, i, i, hum.” L.134) e inicia sua resposta com uma explicação (“because i know that i will see them again,” L.134), que o leva à avaliação (“so it was not so hard.” L.135). Sua avaliação é refeita, quando ele seleciona explicitar seus sentimentos em relação aos avós (“but my grandparents, it was hard.” L.135) e explica os motivos (“because maybe they aren’t there when i come back.” L.136). Ele repete a avaliação (“so that was hard.” L.136-137) e finaliza retomando a comparação em relação aos outros (“the others was not so hard.” L.137). A entrevistadora sinaliza aceitar o final da sequência interacional (“[ok” L.138), mas Dave retoma o turno para falar do sentimento em relação aos pais, que se assemelha ao dos avós (“[and my parents of course it was hard.” L.139). A entrevistadora repete a avaliação que Dave faz em relação aos pais, com entonação de pergunta (“he. it was hard?” L.140).

Dave responde à pergunta contrastando o que ele sentia no passado, antes de viajar (“yeah. i think.” L.141), ao que ele sente no presente (“but now i don’t.” L.141) e, depois de algumas hesitações (“it is not, it is not,” L.141), ele faz um comentário, intercalando os sujeitos entre “eu” e “você” (“i don’t, eh: suffer about it, suffer. sometimes you just think about them but you don’t, get homesick. i don’t get homesick.” L.141-143), apresentando o que ele sentia e o que se sente, em geral.

Ao relatarem, darem explicações e fazerem comentários (como “accounts”, conforme Baker, 2001, p.781) sobre os preparativos para a viagem, de forma co-construída na entrevista em grupo, os intercambistas ressaltam o tempo de preparação (incluindo preencher documentos, arrumar malas e aguardar o dia da viagem) e o deslocamento emocional (Pereira & Santos, 2009).

Nas entrevistas individuais, a questão emocional também aparece, relacionada às despedidas (Sophie) e ao tempo de espera para a viagem (Pat). A questão temporal também é ressaltado por Marie e Isaac, pela rapidez no processo, em oposição à lentidão no processo de Pat.

Dentre os tópicos propostos pelos participantes, surgem os estereótipos sobre os “brasileiros” e o Brasil, categorizados como um grupo homogêneo. Sophie e Allan fazem comentários sobre os estereótipos, bem como manifestam posicionamentos sobre eles. Sophie se constrói como *outsider*, na vinda para o Brasil, mas como estabelecida, no momento da entrevista. Allan, por sua vez, parece concordar e ainda reforçar os estereótipos construídos por ele em discurso indireto de pessoas não identificadas.

5.3.

A viagem

Nesta seção, analiso os segmentos das entrevistas que tratam principalmente do deslocamento físico dos intercambistas, saindo de seus países até chegar ao Brasil. Como veremos, temos ainda a co-construção entre entrevistadora e entrevistados, da orientação da grande narrativa de deslocamento dos estudantes. Tempo e espaço fazem parte da orientação em narrativas, quando os participantes se engajam no relato das experiências de deslocamento (De Fina, 2010, p.85).

(i) A entrevista com o grupo

A seqüência 12 é parte da entrevista em grupo (anexo 1), com a narrativa de Allan a respeito da viagem e da chegada no Brasil.

Seqüência 12

Entrevista em Grupo, 27 de setembro de 2007

405	Fernanda	what about your arrival here in brazil? was it the way you
406		expected to?
407		(9.0)
408	Allan	it is very stressful the whole thing. i actually traveled for a
409		total of twenty four hours. we had a eight or nine hour lay
410		over in são paulo airport which was not very fun when you
411		are already tired from a ten hour flight and even didn't get
412		a sleep on. you know, after after a whole twenty four hours
413		of no sleep, hectic hectic travelling where you have to

414		travel in airports you don't know what's going on, you don't
415		know what what says what and you know in the end it's
416		gonna be like the biggest point of your exchange when you
417		first meet your family, and first learn a word. () a stressful
418		thing. (at least i think so).
419	Fernanda	()

Nesta seqüência, a entrevistadora focaliza a orientação no momento de chegada no Brasil (L.405-406).

Após nove segundos de silêncio (L.407), Allan toma o turno para responder à pergunta. Ele começa com uma avaliação (“it is very stressful the whole thing.” L.408), seguida da explicação (“i actually traveled for a total of twenty four hours.” L.408-409). Então, ele passa para a orientação, que focaliza a situação da chegada de ter tido que esperar entre oito e nove horas no aeroporto de São Paulo (L.409-410). Ele faz outra avaliação (“which was not very fun” L.410) e continua a descrever a situação de esperar pelo vôo em São Paulo (“when you are already tired from a ten hour flight and even didn't get a sleep on.” L.410-412).

Allan repete o que tinha dito (L.408), especificando as dificuldades de entender os avisos depois de passar vinte e quatro horas sem dormir, viajando por aeroportos desconhecidos (L.412-415) e em seguida apresenta as expectativas que tinha em relação à chegada, que, segundo ele, seria o ponto mais importante do programa de intercâmbio (L.415-417) e finaliza com uma avaliação (“a stressful thing.” L.417-418).

Na seqüência acima, Allan descreve a situação do deslocamento físico como um momento estressante, não só pelo cansaço, mas também pelo desgaste emocional em relação à expectativa de chegar no Brasil, de conhecer sua família hospedeira e de aprender as primeiras palavras.

A seqüência a seguir é continuidade da entrevista em grupo. Neste segmento, a entrevistadora retoma a pergunta sobre a viagem, direcionando-a a Pat, que havia se auto-selecionado para falar após Allan.

Seqüência 13

Entrevista em Grupo, 27 de setembro de 2007

427	Fernanda	what about the trip? was it the same ()
428	Pat	oh, mine wasn't that bad. i: only traveled for maybe,
429		thirteen hours altogether and most of it was on the plane
430		and the plane was overnight so i slept, because my plane
431		() night and i arrived in the morning. so, i wasn't too tired
432		because () and then they speak english so (it was ok)
433		heheh

434	Todos	hehe
435	Pat	so:, my arrival (was ok)
436	Isaac	me too. i traveled over night.
437	Fernanda	how many hours?
438	Isaac	twelve, twelve and a half
439	Fernanda	so you slept most of time?
440	Isaac	hum?
441	Fernanda	did you sleep?
442	Isaac	yeah
443	Marie	i traveled i think for (thirteen) hours and didn't sleep at all
444		hehehe. it was during day so, i was <u>very</u> tired when we
445		arrived. sophie and i traveled together, when we arrived in
446		brazil it was here six o'clock it was already:: almost
447		midnight in belgium so i was really tired hehehe
448		(10.0)

Pat começa sua resposta com uma avaliação em que relativa os aspectos negativos da viagem (“oh, mine wasn't that bad.” L.428), ao detalhar que, embora tenha sido longa a viagem (“i: only traveled for maybe, thirteen hours altogether” L.428-429), ela dormiu e chegou na parte da manhã (L.429-431). Seus comentários finais também são diferentes sobre o cansaço físico (“so, i wasn't too tired” L.431) e o uso do inglês (“and then they speak english so” L.432) e ela encerra com outra avaliação (“so (it was ok) heheh” L.432-433). Todos riem, e Pat repete a avaliação positiva (“so:, my arrival (was ok)” L.435). Outros participantes concordam com Pat. Isaac assume o turno e alinha-se com o relato de Pat (“me too. i traveled over night.” L.436). Marie relativa sua avaliação, com comentários sobre também ter se cansado e não ter dormido durante a viagem (“i traveled i think for (thirteen) hours and didn't sleep at all hehehe.” L.443-444). Ela também dá explicações, sobre a mudança de fuso horário (L.445-447) que leva à avaliação e ao encerramento de seus comentários (“so i was really tired” L.447).

Neste segmento da entrevista em grupo, é possível notar que a orientação começa no país de origem dos intercambistas e se movimenta, junto com as narrativas, até o fim da viagem, quando os mesmos chegam ao Brasil. Os estudantes encontram-se nas bordas, entre o país de origem e o país do intercâmbio.

O deslocamento físico aqui representado é narrado como um deslocamento tanto espacial, quanto temporal, o que é um aspecto relevante no que toca às narrativas de deslocamento (Baynham & De Fina, 2005; De Fina, 2010).

(ii) As entrevistas individuais

Na seqüência 14 (anexo 2), a entrevistadora pergunta à Sophie sobre a viagem de deslocamento entre a Bélgica e o Brasil.

Seqüência 14

Sophie, Entrevista 1, 27 de setembro de 2007

189	Fernanda	what about the trip? (.) coming to brazil, how was it?
190	Sophie	oh, it was really really tiring. yeah. i, i never been so long on, eh:, a plane. but, yeah, it was my first time. >it was good<. and we almost missed our flights, in madrid. hahaha so, we had like one hour to:: get on another plane, to brazil and:: we decided first eat something like mc donald's or something, and:: then we realized, we saw a:: box, i don't know, board? hanging there that it was like, thirty minutes to go on the other station where the eh planes lea-, hum are leaving. and we were like, "oh no". >we were running, running, running<. but we had to take a subway. so, we couldn't really:: hurry up and then we:: ahm, had a passport control but it was like <u>really, really</u> , <u>really</u> slow and there was like a <u>big</u> row, so we lost there a half an hour too. so we were like, "oh no, we are going to miss our plane" and we were >running, running, running<. but we had (at last we had) our plane had a one hour, one hour later.
191		
192		
193		
194		
195		
196		
197		
198		
199		
200		
201	Fernanda	wow.
202	Sophie	so, it was really uhh. really () that i saw that the plane wasn't-
203		
204	Fernanda	so you you had more people with you?
205	Sophie	no. eh, just marie the other girl, [of belgium.
206	Fernanda	[ah. ok.
207	Sophie	we went together. so that was good too. juiz de fora, being more (). because it was like, "oh, what is going to be, how is how is going to be my family, and how will be, ()
208		
209		
210		
211		
212		
213		
214		
215		

A resposta em forma de avaliação, logo no início, é dada para a pergunta inicial. A narrativa de deslocamento de Sophie, remete a um evento ocorrido em um passado próximo, e começa com uma avaliação ("oh, it was really really tiring. yeah." L.190) voltada para a explicação da viagem ter sido cansativa e de ter sido a primeira viagem longa feita por Sophie (L.190-191), seguida de outra avaliação (">it was good<." L.191-192). Sophie seleciona um fato mais específico em relação ao processo de deslocamento (dessa vez, um fato reportável no sentido laboviano do conceito): o fato de quase terem perdido o vôo em Madrid. A narrativa começa com um resumo ("and we almost missed our flights, in madrid." L.192) seguido de risos ("hahaha" L.193), que aqui funcionam como a avaliação de um evento agora considerado engraçado para a narradora. A contagem começa com a explicitação do tempo que ainda havia entre os vôos e a decisão de fazer um lanche, até que elas viram um painel anunciando que faltava apenas meia hora para o vôo e que

deveriam ir para outra plataforma (L.193-198). Sophie constrói o discurso direto interno (““oh no.”” L.198) para então, através da repetição (Tannen, 1989) e da aceleração da fala enfatizar que correram muito (“>we were running, running, running<.” L.199).

Apesar de terem corrido o quanto podiam, não dependia só da ação delas para chegarem à outra plataforma: elas precisavam pegar um metrô e ainda passar pelo controle de passaporte (L.199-201). Como mostra a repetição e a subida de voz, o controle de passaporte estava lento (“but it was like really, really, really slow” L.201-202) e a fila estava muito grande (“and there was like a big row,” L.202) e todo esse processo tomou os trinta minutos que elas tinham para chegar a tempo (“so we lost there a half an hour too.” L.202-203). Mais uma vez Sophie usa o discurso direto em voz “coletiva” para narrar o medo de perder o avião (“so we were like, “oh no, we are going to miss our plane”” L.203-204) e reafirma a ação delas para tentar reverter a situação, o que é representado pela repetição (Tannen, 1989) e aceleração da fala (“and we were >running, running, running<.” L.204). Na conclusão da narrativa, todavia, não é a ação de Sophie que faz com que a situação seja modificada, mas sim o atraso de uma hora no voo (L.205-206). Nesse caso, quem faz a avaliação final é a entrevistadora (“wow.” L.207) e essa avaliação é reforçada pela narradora (“so, it was really uh. really ()” L.208) com uma expressão que não é possível compreender na gravação da entrevista, seguida de uma frase que não é completada (“that i saw that the plane wasn’t-” L.208-209).

A entrevistadora, ao fim da narrativa, esclarece sua dúvida em relação à referência feita por Sophie a “we” através da pergunta “so you you had more people with you?” (L.210), que é respondida fazendo a mesma referência de Marie na entrevista em grupo (“no. eh, just marie the other girl, [of belgium.” L.211). Através da sobreposição de falas, a entrevistadora mostra entender a referência (“[ah. ok.” L.212), mas Sophie assume novamente o turno e recomeça a narrativa que estava já finalizada, somada a um novo evento, que é a chegada em Juiz de Fora. Ela começa com a frase narrativa que explica a pergunta da entrevistadora (“we went together.” L.213) e, em seguida, faz uma avaliação (“so that was good too.” L.213). Então, ela projeta a orientação para a chegada em Juiz de Fora (“juiz de fora, being more ().” L.213-214) e explica, através do discurso direto, a projeção que ela estava fazendo durante a viagem a respeito do momento de chegada na cidade

onde ela passaria o período de intercâmbio (“because it was like, “oh, what is going to be, how is how is going to be my family, and how will be, ()” L.214-215).

Na seqüência 15 (anexo 5), Isaac e a entrevistadora interagem também sobre sua viagem do México ao Brasil.

Seqüência 15

Isaac, Entrevista 1, 27 de setembro de 2007

115	Fernanda	e a viagem como foi?
116	Isaac	oh: cansado.
117	Fernanda	quando você chegou aqui-
118	Isaac	ah, llegué muy cansado, a dormir, es que en el avión, el viaje fue méxico a santiago de chile, santiago de chile a rio de janeiro. de méxico a santiago iba en el asiento del médio, del centro, y dos señores a mi lado ibam así. y fue toda la noche no pude dormir muito y despois é: se retraso, tardo el avión en chile para rio de janeiro dos horas. estuve em el aeropuerto solo. hehe
119		
120		
121		
122		
123		
124		
125	Fernanda	nossa.
126	Isaac	humhum.
127	Fernanda	e da, de, de, do rio para juiz de fora veio de carro.
128	Isaac	no, rio a além paraíba.
129	Fernanda	além paraíba, é.
130	Isaac	em carro, si. son dos horas y meio.
131	Fernanda	é perto.
132	Isaac	humhum

A entrevistadora faz a pergunta “e a viagem como foi?” (L.115) que é respondida por Isaac apenas com a avaliação (“oh: cansado.” L.116). A entrevistadora retoma o turno (“quando você chegou aqui-” L.117) e Isaac toma o turno para fazer sua narrativa. Ele inicia com a repetição da avaliação, porém com um intensificador (“ah, llegué muy cansado, a dormir,” L.118). Ele começa a narrativa com foco nas escalas México/Santiago do Chile/Rio de Janeiro (L.118-120) e volta ao primeiro trecho da viagem, entre o México e Santiago do Chile, para explicar porque não conseguiu dormir (“de méxico a santiago iba en el asiento del médio, del centro, y dos señores a mi lado ibam así. y fue toda la noche no pude dormir muito” L.120-122). Inclui também o atraso do avião para o Rio de Janeiro, que fez com que ele ficasse sozinho no aeroporto (L.122-124). A avaliação é feita pela entrevistadora (“nossa.” L.125) e Isaac sinaliza ratificar a avaliação (“humhum.” L.126).

A entrevistadora comenta, assumindo conhecimento partilhado do trajeto, que Isaac foi de carro do Rio para Juiz de Fora e Isaac nega, reorientando para o trecho da viagem (“no, rio a além paraíba.” L.128). A entrevistadora ratifica, com

repetição (“além paraíba, é.” L.129) e ele confirma que a viagem foi feita de carro e acrescenta o tempo total do deslocamento (“son dos horas y meio.” L.130). A entrevistadora faz a avaliação relacionada ao tempo de viagem (“é perto.” L.131) e Isaac ratifica a avaliação da entrevistadora (“humhum” L.132).

Ao contrário dos comentários de Isaac na entrevista em grupo (quando ele afirma que dormiu durante a viagem), na entrevista individual ele narra seu deslocamento como cansativo e problemático e mostra as mudanças de vôle e a dificuldade de dormir no tempo da viagem.

Abaixo, na seqüência 16 (anexo 12), a entrevistadora e Dave falam sobre sua viagem para o Brasil.

Seqüência 16

Dave, Entrevista 1, 27 de setembro de 2007

112	Fernanda	ha i imagine. ah: and what about your, travel to brazil?
113		how was it?
114	Dave	ahm, it was good because there was thirty other spanish
115		students so, we had a lot of fun in the plane. so it was not
116		so boring and, but it was a long trip. i think i traveled for
117		thirty hours and something till i got to the final destination.
118		and, but i took a plane with three, t- two other students
119		from são paulo to belo horizonte. so it was special to only
120		be us, to alone, witho- without parents or: other adults.

Na entrevista feita com Dave, antes de perguntar sobre os preparativos para a viagem, a entrevistadora pergunta sobre como foi a viagem. Ao iniciar sua narrativa de deslocamento, Dave faz uma avaliação (“ahm, it was good” L.114). A viagem feita junto a outros trinta estudantes espanhóis foi para ele agradável, mesmo tendo sido longa (L.114-115). Ele reformula a avaliação (“so it was not so boring and,” L.115-116) que é colocada em contraste ao tempo de viagem (“but it was a long trip.” L.116). O tempo de viagem é explicitado na frase seguinte (“thirty hours and something” L.116-117), que leva ao início da narrativa da segunda parte da viagem (“and, but i took a plane with three, t- two other students from são paulo to belo horizonte.” L.118-119). Dave faz a avaliação da segunda parte de sua narrativa, junto do motivo para esta avaliação, que é a viagem sem nenhum adulto para tomar conta dele (L.119-120). Além do deslocamento físico, essa narrativa traz também a sua autonomia em relação aos pais, já que narra a primeira experiência de Dave de viajar sem os pais, ou sem adultos por perto, na segunda parte da viagem, que corresponde ao vôle de São Paulo a Belo Horizonte. É o

relato das primeiras experiências geradas pelo processo de deslocamento no qual ele se encontra.

Ao relatarem a viagem, além do deslocamento físico, os intercambistas enfatizam os deslocamentos temporais e emocionais, na entrevista em grupo. Allan narra seu cansaço na chegada e o momento crucial, quando ele conhece sua família. Pat narra a situação oposta à de Allan, acrescentando sua facilidade em relação à interação, já que sua família brasileira a recebeu em inglês.

Por terem viajado juntas, a narrativa de Marie na entrevista em grupo se entrelaça à narrativa de Sophie na primeira entrevista individual. Sophie apresenta pontos específicos de suas primeiras experiências “fora de casa”, como pegar avião em um aeroporto desconhecido.

Para Isaac, o fato de estar sozinho é representado como um incômodo. Dave, no entanto, ressalta a companhia de trinta estudantes espanhóis como ponto positivo da primeira parte da viagem e o fato de estar sozinho pela primeira vez, sem a companhia dos pais.

Ao narrarem seus deslocamentos físicos, os intercambistas constroem também o deslocamento emocional e temporal relacionados às viagens.

5.4

A chegada no Brasil

Esta seção apresenta segmentos das entrevistas nos quais os intercambistas relatam a chegada no Brasil e a recepção que tiveram.

(i) As entrevistas individuais

Na seqüência 17 (anexo 2), Sophie narra sua chegada ao Brasil, apresentando o deslocamento físico, temporal e emocional.

Seqüência 17

Sophie, Entrevista 1, 27 de setembro de 2007

216	Fernanda	and how was it when you arrived here? [how did you feel?
217	Sophie	[oh, yeah. i was
218		<u>very, very, very</u> tired because. yeah, it was like night for
219		me. (.) just six o'clock and it was already dark. when i
220		arrived here, i was very, ya:: very tired too. and, eh, it was
221		hard for me because my parents didn't speak any (.) eh,
222		other language than portuguese and i didn't know

223		portuguese, i didn't speak portuguese so, and it was like,
224		"oi, tudo bom?", "tudo bom". hahaha and that was it.
225		everything they said to me i didn't understand and they
226		were like (.) quiet all the time. and we went eh, to the
227		house because i was very tired. and:: we didn't we didn't
228		say a word in the car, so it was completely quiet. that was
229		really hard for me because i wanted to speak, i wanted to::
230		know my parents but i couldn't speak and i was like
231		thinking, "this is going to be very hard. if it stays like this
232		for like one month or something, i'm going home". hahaha

Mais uma vez, é a entrevistadora que conduz a entrevista, marcando o momento de chegada no Brasil. O tópico proposto é o sentimento de Sophie ao chegar no Brasil (L.216). Sophie hesita (“[oh, yeah.” L.217) e começa a dizer como ela estava se sentindo (“i was very, very, very tired” L.217-218). Em seguida, explica o motivo que fez com que ela se sentisse cansada (“because. yeah, it was like night for me. (.) just six o'clock and it was already dark.” L.218-219). Este trecho narrado por Sophie pode ser relacionado ao trecho narrado por Marie, quando ela conta a viagem e seu cansaço devido ao fuso horário.

Sophie continua seu relato, repetindo então a orientação temporal e espacial (“when i arrived here,” L.219-220) e repetindo também como ela estava se sentindo (“i was very, ya: very tired too.” L.220). Em seguida, apresenta uma avaliação (“and, eh, it was hard for me” L.220-221) que leva à mudança de tópico para a questão lingüística: o fato de seus pais só falarem português e ela não saber português (L.221-223). Sophie constrói, através do discurso direto (Tannen, 1989), o contato limitado que teve com seus pais brasileiros no primeiro momento de seu intercâmbio (“so, and it was like, “oi, tudo bom?”, “tudo bom.” L.223-224). Ela ri e usa uma expressão resumitiva (“hahaha and that was it.” L.224). No entanto, retoma a narrativa, com foco nas dificuldades em relação à questão lingüística (“everything they said to me i didn't understand and they were like (.) quiet all the time.” L.225-226) e em relação ao deslocamento e ao cansaço (“and we went eh, to the house because i was very tired.” L.226-227) e finaliza, juntando os dois tópicos (o deslocamento e a questão lingüística) em um só comentário (“and:: we didn't we didn't say a word in the car, so it was completely quiet.” L.227-228). Ela repete a avaliação já feita anteriormente (L.228-229) e explica os motivos (“because i wanted to speak, i wanted to:: know my parents but i couldn't speak” L.229-230). Sua resolução é dada em forma de discurso direto representando seu pensamento naquele momento, o que sinaliza sua primeira possibilidade de desistir do

intercâmbio (“and i was like thinking, “this is going to be very hard. if it stays like this for like one month or something, i’m going home”. L.230-232). Neste trecho, Sophie une seu deslocamento físico ao emocional e mostra o desconforto que sente ao chegar em um país desconhecido, cuja língua também é desconhecida – é a primeira vez que Sophie se sente no entre-lugar cultural, quando, efetivamente cruza as fronteiras entre duas culturas.

Na seqüência 18 (anexo 6), também a partir da pergunta da entrevistadora, Isaac fala de suas expectativas em relação à sua chegada no Brasil.

Seqüência 18

Isaac, Entrevista 2, 19 de março de 2008

316 317	Fernanda	e em relação às suas expectativas quando você veio pro brasil?
318 319 320 321 322 323 324 325 326	Isaac	hum, minhas expectativas, enquanto brasil muito bom. mas eu eu, a princípio, eu não gostei da ciudad porque é <u>muito</u> pequena. minha cidade lá no méxico não é muito grande mas é bem maior que aqui que além paraíba então alá no méxico estava acostumado a ir ao cinema:, era um café, um (shopping) tem muitas coisas. aqui não tem (shopping), não tem cinema não tem nada. então eu a princípio assim eu fiquei um pouco, com decepção, não decepçion mas no eu não esperava uma cidade assim.
327	Fernanda	humhum
328	Isaac	mas aí já foi conhecendo amigos e tudo aí me acostumei.

Isaac responde a pergunta com uma avaliação sobre o Brasil (“hum, minhas expectativas, enquanto brasil muito bom.” L.318), em contraposição às suas expectativas em relação a Além Paraíba, cidade onde estava fazendo o intercâmbio (“mas eu eu, a princípio, eu não gostei da ciudad porque é muito pequena.” L.318). Isaac compara a cidade mexicana onde mora, à sua cidade no Brasil (“minha cidade lá no méxico não é muito grande mas é bem maior que aqui que além paraíba” L.320-321). A comparação feita por ele entre as cidades (L.322-324) mostra sua frustração de morar em uma cidade mineira de interior. Ele continua seu relato, chegando então ao ponto: sua decepção inicial (L.324-326).

A entrevistadora sinaliza atenção (“humhum” L.327) e ele mantém o turno e explicita o segundo ponto, que é ter feito amizades e ter se acostumado com a cidade (L.328).

A chegada no Brasil é associada principalmente ao deslocamento emocional dos intercambistas. Para Sophie, a dificuldade lingüística representa

um obstáculo que ela não está preparada para enfrentar, enquanto Isaac ressalta a dificuldade de adaptação a uma cidade com poucas opções de lazer.

Vemos, no decorrer do capítulo 5, que apesar dos intercambistas não terem escolhido o Brasil como primeira opção de viagem, todos co-constroem as expectativas para a viagem (deslocamento físico) como forma de deslocamento emocional. Assim, se mostram engajados nos preparativos. Eles apontam suas dúvidas em relação ao que devem levar para a viagem, mas relatam as dificuldades emocionais de viver longe dos amigos e familiares como uma das questões mais relevantes em relação aos preparativos para a viagem. As festas de despedida são também relevantes, pois representam para alguns o início do deslocamento.

Os intercambistas relatam suas viagens, com foco no tempo total do deslocamento físico e no tempo de espera nos aeroportos. Para alguns, os aeroportos já representam momentos em que estão nas “fronteiras”, já que aprendem a transitar em aeroportos internacionais pela primeira vez.

As expectativas em relação à chegada também são contadas e demonstram o lugar fronteiro ocupado pelos estudantes que não conhecem as famílias com as quais passarão o tempo de intercâmbio.

Alguns estereótipos sobre o Brasil são relatados já na primeira etapa das entrevistas. Os intercambistas tentam justificar a apresentação de estereótipos e mostram estar nas bordas, entre o “aqui” e o “lá”.